

MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS

O HOMEM DO "SOL FRIO"

Rubens de Azevedo (SBAA)

Fins da década de 40.

Recebi, no meu Observatório Popular Flammarion, em Fortaleza, a visita de um velhinho moreno, magro, cabelos raros, dentes também, mal vestido e que sopesava uma pasta velhíssima, onde se lia, em letras brancas a óleo, muito toscas: O Sol é Frio. Apresentou-se como Deoclides Almeida, vindo das vastas extensões amazônicas. Declarou ser um sábio, filósofo e cientista, mas apressou-se em explicar: seu conhecimento não vinha dos livros. Orgulhava-se de nunca ter aberto um livro de ciências. Para ele, nomes como os de Képler, Newton, Galileu ou Einstein não tinham o menor sentido. Sua inteligência teria vindo diretamente de Deus, como uma luz que baixasse sobre sua fronte encanecida. Suas "descobertas" surgiram de chofre, quando, sentado numa pedra, às margens do rio Xingu, havia recebido a compreensão de tudo. Entre suas maiores descobertas, estavam: *O sol é absolutamente frio, a Terra é que é quente; a cura radical da tuberculose, da cegueira, e da queda dos cabelos.*

Espantei-me porque o velhinho era a imagem da decadência, com alguns poucos dentes oscilantes, alguns fios de cabelo equilibrando-se sobre sua cabeça luzidia. Ele, percebendo o meu vexame, disse logo: *"Bem, quando eu descobri a cura da calvície e como conservar todos os dentes até o fim da vida, já não podia utilizá-la. Para mim chegou tarde. Mas posso ajudar aos jovens a manter uma saúde de ferro pela vida toda".* Aceitei.

Outra de suas descobertas era o fato de que o Sol não possuía manchas. Era um disco imaculado, feito por Deus, e que não podia ser manchado. Pedi-lhe que me acompanhasse ao observatório e lá, focalizei o Sol, utilizando assim o sistema de projeção. Ele olhou atentamente, deu uma risadinha sarcástica e declarou: *"Isso são manchas na lente do aparelho"*. Fiz girar a ocular e a objetiva, fazendo-lhe ver que, se as manchas fossem marcas nas lentes, elas se deslocariam - e elas continuavam no mesmo lugar. Ele manteve-se impassível: *"Olhe, as manchas solares não existem porque não podem existir. Eu vejo muito além com os meus olhos do que o senhor com esta lunetinha"*. Calei-me.

Quanto ao fato do Sol ser frio, tentei argumentar mas ele com a veemência própria dos velhos foi logo dizendo: *leia o jornal amanhã e verá as minhas declarações. Queria apenas que o amigo me proporcionasse a oportunidade de fazer uma conferência para os Amigos da Astronomia, da sua Sociedade.* Fiz-lhe ver que isso era impossível, uma vez que a nossa agremiação não poderia patrocinar uma palestra sobre um assunto por demais conhecido e comprovado, apresentando teorias sem nenhuma base científica. Ele exasperou-se e despediu-se abruptamente.

No dia seguinte, o jornal O Correio do Ceará ostentava uma manchete em letras garrafais: "O Senhor Rubens de Azevedo ainda não se convenceu de que o Sol é Frio". Na entrevista dada ao jornal, o Sr. Deoclides derramou-se em considerações curiosíssimas sobre a irrealidade do Sol: declarou, inicialmente, que, à medida que se sobe uma serra verifica-se que lá em cima é muito mais frio que aqui em baixo. Ora, se o topo da serra está mais perto do Sol do que as planícies litorâneas, claro está que o calor vem da Terra e não do Sol. Adiantava que estava recolhendo fundos para uma campanha do "Sol Frio": aqueles que lhe dessem dinheiro para a sua manutenção e suas viagens, receberiam uma placa de metal com os dizeres: "O sol é Frio", para colocar nas frentes de suas casas. Quando o repórter perguntou como iria se decidir o assunto, como é que as instituições científicas iriam reagir, ele respondeu: "Que se nomeie uma Comissão de sábios e a todos arrazarei com os meus argumentos". Eu sei o que eles não sabem e agora vão aprender.

No dia seguinte, aborrecido, e com a impetuosidade própria dos jovens (e também a inexperiência, diga-se), publiquei uma Nota Oficial da Sociedade Brasileira dos Amigos - alertando a população contra as teorias do Sr. Deoclides Almeida. O assunto deveria ter morrido no primeiro dia e, por causa dessa Nota, começou a se arrastar. Deoclides voltou aos jornais e espalhou-se em improperios: disse que se eu pensava que, com a minha lunetinha poderia enfrentá-lo, mostrando as manchas solares (que ele sabia não existirem...), estava muito enganado. Ele estava com Deus e não iria abrir mão de suas "verdades".

O assunto tomou conta da cidade - e não é preciso dizer que muita gente se colocou ao seu lado, convencida de que o Sol não poderia ser quente, uma vez que Maranguape, Pacoti e Guaramiranga sempre apresentavam clima mais frio que Fortaleza...

Por fim, o homenzinho foi-se embora e tivemos um enorme trabalho em desfazer pelo menos no âmbito da Sociedade - as suas fantasiosas teorias. Um mês depois de sua partida, recebemos carta de Rômulo Argentière, físico conhecido de todos os que se dedicam à Ciência, no Brasil. Nessa carta ele contava que havia recebido a visita do Deoclides Almeida, com sua pasta do Sol é Frio e com seus pedidos de fazer conferências nos Institutos e Academias de São Paulo, "para destruir essas idéias erradas que andam por aí".

Já lá se vão muitas décadas e nunca mais tivemos notícias do novo profeta. Mas soubemos que ele andou por todo o Brasil pregando as suas idéias: O Sol é Frio, não existem manchas solares, etc, etc.

O mais curioso de tudo é que essa idéia do Deoclides, um homem simples e inculto, e que na sua mente podem encontrar explicação, a idéia do Sol Frio, tem sido acalentada através da História e muitas foram as pessoas que a propagaram - não são homens simples e ignorantes, mas também pessoas formadas, engenheiros, advogados, médicos e outros. Afinal de contas, a doidice nunca foi privilégio dos simples...